Acta Scientiarum
http://periodicos.uem.br/ojs
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v47i2.75137
CC BY

Entre silêncios e vociferações

Dias, M. M. (2021). *Entre baratas e rinocerontes*. Iluminuras.

Vanessa Cardoso Cezário

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Av. da Universidade, 308, 05508-040, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: vanessa.cezario@alumni.usp.br

Received on January 3, 2025.
Accepted on March 6, 2025.

> Enquanto isso, animais humanos e seres humanos continuarão convivendo num cenário onde a agressividade, o ódio e a violência serão reconhecidos como expressão e autenticidade (Dias, 2021, p. 66).

Entre baratas e rinocerontes (Dias, 2021) é uma alegoria da atual política brasileira. As personagens principais, embora bastante distintas, complementam-se ao representarem os nossos políticos: os rinocerontes são grandes, barulhentos e vociferantes; as baratas são pequenas, discretas e silenciosas. Em conjunto, causam grande devastação e contaminação. O psicanalista Mauro Mendes Dias (2021) discute como viver em meio a eles e tece considerações acerca dos possíveis tratamentos para essa situação.

O escritor indica que as baratas e os rinocerontes são produto direto do discurso da estupidez (Dias, 2020). Antes de se reduzir a falas estúpidas ou a asneiras, é ele que produz os efeitos de vociferação. A "[...] causa para a instalação e participação nesse discurso [...]" (Dias, 2021, p. 14) decorre de "[...] um ato de consentimento do sujeito à retirada de sua voz" (Dias, 2021, p. 14). À medida que se entrega, ele perde a particularidade de sua condição subjetiva e política. Por esse motivo, a manutenção de uma similaridade com esses seres remete ao ataque abrupto e à rudeza (Dias, 2021).

O agravante dessa conjuntura é a sua aceitação. Se antes as baratas e os rinocerontes provocavam evitação e nojo, agora, ocupam posições públicas. Como Dias (2021) observa, parece até mesmo que adquiriram certa legitimidade na esfera pública. Além disso, despertam fascínio quando expõem a sua satisfação.

Especialmente as baratas, que viviam silenciosas nos esgotos, adentram o cenário religioso e transmitem o "[...] encantamento pela submissão e resignação" (Dias, 2021, p. 33). De acordo com o autor, é necessário reconhecer a sua existência sem menosprezá-la. Pois, quando olhadas com desconfiança, assumem "[...] símbolos da nação como elemento de identificação" (Dias, 2021, p. 35) e prova de bom caráter.

Trata-se de uma revolução. A referência ao livro de George Orwell (2007) marca um contraponto: enquanto o escritor britânico associou humanidade aos animais, o psicanalista brasileiro adverte sobre os traços de animalidade nos humanos. As baratas e rinocerontes conduzem a uma revolução que não é imposta somente pela força, mas, sobretudo, por uma política do embrutecimento.

A crítica é inspirada no teatro do absurdo. As referências do autor passam, principalmente, pelo teatro do franco-romeno Eugène Ionesco (2015), com O rinoceronte, pelo romance do inglês Ian McEwan (2020), com A barata, e pela psicanálise de S. Freud e J. Lacan.

Conforme Dias (2021), o rinoceronte e a barata cativam para um tipo de gozo que anula o compromisso ético no laço social. Eles induzem ao escárnio, à depredação e à destruição que atingem a nossa democracia, pelo menos, desde 2019. Embora o autor refira-se à política brasileira, o problema não é local. Podemos escutar os ecos desse embrutecimento na política norte-americana e europeia. Todavia, ainda que esses animais manifestem ódio ou desprezo por aquilo que remete à humanidade, não estão completamente fora dela. Afetam, mas também são afetados devido à condição civilizatória que lhes é imposta pela linguagem.

Neste ínterim, acaba por se configurar uma diferenciação expressa em 'nós' e 'eles'. Pois, se na *pólis* reconhecemos essa revolução, é plausível questionar com Dias (2021) como é possível viver em meio a essas personagens. O psicanalista, já bastante experiente, assinala que não há solução única ou ideal para o impasse. Tampouco, devemos manter a rivalidade e vociferar como resposta. Ele pensa que, ao invés de reduzir-nos a combater e a denunciar, é preciso "[...] insistir na invenção de posições políticas e particulares que produzam alternativas" (Dias, 2021, p. 46).

Dessa forma, habitar entre silêncios e vociferações implica em fracasso e trabalho. Fracasso do equilíbrio perfeito de nossas ações, assim como de uma posição isenta; e trabalho para relembrar a importância da dignidade humana. Dias (2021) considera que fazer menção à realidade de nosso patrimônio civilizatório é uma forma de tratamento possível para a estupidez. Pois, diferentemente do estímulo às paixões que podem ser suscitadas por meio de "[...] causas que enceguecem, ensurdecem e embrutecem" (Dias, 2021, p. 48), podemos apontar para a preservação e renovação do que diz respeito à nossa condição humana.

Mauro Mendes Dias não é ingênuo. Ele sabe que esse é um trabalho árduo e que levará tempo. Todavia, a sua proposta é exequível de várias formas e desde agora. É o que ele já faz, por exemplo, por meio do Projeto Vociferarte. Entendemos que esta leitura, além da interpretação original de uma conjuntura na qual estamos todos envolvidos, pode inspirar outros profissionais a também empenharem-se em restituir a voz e a dignidade humanas em seus âmbitos de trabalho.

No mais, Dias (2021) apresenta indícios de que a série de animais que interferem no laço social não acaba neste escrito. Além dos rinocerontes e das baratas, por vezes, ele cita uma formiga carnívora que destrói plantações e florestas. Essa é a nossa aposta para a personagem de um próximo trabalho. Aguardemos.

Referências

Dias, M. M. (2020). *O discurso da estupidez*. Iluminuras.

Dias, M. M. (2021). *Entre baratas e rinocerontes*. Iluminuras.

Ionesco, E. (2015). *O rinoceronte* (L. Lima, Trad., Coleção 50 anos). Nova Fronteira.

McEwan, I. (2020). *A barata* (J. Dauster, Trad.). Companhia das Letras.

Orwell, G. (2007). *A revolução dos Bichos: um conto de fadas* (H. A. Ferreira, Trad.). Companhia das Letras.